

Life history of aggression: Estudo de validação com uma amostra da população portuguesa

Ana Rita Cruz & Fernando Barbosa

Laboratório de Neuropsicofisiologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Universidade do Porto

Resumo: Neste estudo reporta-se a adaptação da escala *Life History of Aggression* (LHA) para Portugal e apresentam-se indicadores psicométricos da versão portuguesa. A versão original foi traduzida por dois peritos em Psicologia Forense. Procedeu-se a uma administração piloto para garantir a compreensibilidade dos itens e validade facial. A versão de consenso, após autorização do autor, foi administrada a 663 participantes (373 mulheres) com idade média de 28 anos ($DP = 9.35$) e escolaridade vertical de 15 anos ($DP = 2.65$). Calcularam-se indicadores de fidelidade, consistência interna e efetuou-se uma Análise Factorial Exploratória (AFE). A AFE indicia uma estrutura similar à original. Obteve-se um α total de .71 (variando entre .34 para o fator 2 e .72 para o 1) e um indicador de fidelidade satisfatória. Os dados recolhidos indiciam uma qualidade psicométrica aceitável, sugerindo que a LHA pode ser útil para investigar padrões de comportamento agressivo ao longo da vida.

Palavras-chave: Agressividade; *Life History of Aggression*; qualidades psicométricas.

INTRODUÇÃO

O conceito de agressão engloba uma grande variedade de comportamentos que variam em função da idade, gravidade e, também, das próprias vítimas (Marques-Teixeira, 2000). Por isso, a agressão não descreve um conceito unitário e singular, mas antes um fenómeno multifacetado, que pode manifestar-se de forma semelhante em termos de aparência, mas que possui mecanismos genéticos e de controlo neuronal diversos, com diferentes manifestações fenomenológicas, diferentes funções e antecedentes, instigada por circunstâncias externas variáveis (Ramírez & Andreu, 2006). Esta pode ser comportamentalmente expressa de forma física ou verbal, definida como impulsiva ou premeditada, hostil ou instrumental, associada a raiva ou hostilidade, direta, indireta, ativa ou passiva (Parrott & Giancola, 2007). Estas manifestações polifacetadas reforçam a ideia de que no desencadear de um ato agressivo, não importa só o acontecimento objetivamente considerado, mas a interpretação que dele é feita, bem como os estados afetivos que acompanham os processos de perceção e interpretação (Marques-Teixeira, 2000).

Do reconhecimento da natureza multifacetada do comportamento agressivo resultaram diferentes técnicas com o intuito de captar as suas várias manifestações e diminuir a imprecisão da sua avaliação: (a) questionários de autorrelato; (b) análise documental; (c) observação em contextos naturais; (d) entrevistas clínicas; ou, (e) paradigmas experimentais. Cada uma destas abordagens diferenciais complementa e acrescenta informação às restantes, aumentando a validade ecológica da informação recolhida (Suris et al., 2004).

Ao longo das diferentes etapas do desenvolvimento existe uma variação nas manifestações de agressão (Marques-Teixeira, 2000), desde problemas disciplinares na escola, que podem resultar em suspensão ou expulsão, até eventuais dificuldades posteriores no emprego, que podem conduzir a repreensão ou despedimento, passando por atos de agressão autodirigida ou confrontos físicos ou verbais nos quais a pessoa pode ter estado envolvida. Estas manifestações de tendências agressivas nem sempre são fáceis de aceder, por exemplo, através de observação em contexto natural ou com recurso a paradigmas experimentais. Para esse efeito foram desenvolvidos questionários de autorrelato que permitem abarcar retrospectivamente acontecimentos passados na vida da pessoa. A *Life History of Aggression* (LHA) considera parte do ciclo desenvolvimental (a partir da adolescência e juventude do indivíduo até ao momento atual) e permite quantificar o comportamento de agressão

enquanto traço, atendendo a diferentes domínios: Agressão; Agressão Autodirigida; e, Consequências/Comportamento Antissocial. Coccaro, Berman e Kavoussi (1997) reportam que a subescala Agressão, por si só, pode constituir-se como uma medida de comportamento agressivo ao longo da vida. A adoção deste instrumento permite, assim, uma melhor compreensão da trajetória desviante da pessoa e vem acrescentar nova informação na área da avaliação psicológica forense, tentando suprimir uma das lacunas que, no nosso país, a temática do crime apresenta, quer ao nível da investigação, quer ao nível da divulgação científica do fenómeno (Manita, 2012). Validar a LHA numa amostra comunitária, permitiu recolher informação que poderá ser posteriormente utilizada como referência na avaliação de agressores em contexto forense.

METODOLOGIA

Participantes

Foram recolhidas respostas de um total de 663 indivíduos adultos de ambos os sexos (373 do sexo feminino), recrutados através de uma plataforma *online* criada para o efeito e que esteve disponível entre os meses de Novembro de 2012 a Fevereiro de 2013. Os participantes apresentaram idades compreendidas entre os 18 e os 70 anos ($M = 28$, $DP = 9.35$), com uma escolaridade vertical média de 15 anos ($DP = 2.65$). Todos os respondentes tinham nacionalidade portuguesa.

Materiais

Life History of Aggression – LHA (Coccaro, Berman, & Kavoussi, 1997; Versão Portuguesa de Cruz e Barbosa, não publicada). A versão portuguesa da LHA foi desenvolvida com autorização do autor da versão original, que gentilmente a cedeu para esse efeito.

A escala é composta por 11 itens sob a forma de questionário de autorrelato que avalia a frequência de ocorrência de atos agressivos da pessoa ao longo da sua vida, incluindo na adolescência e na juventude. É pedido ao participante que apenas registe comportamentos que efetivamente ocorreram, devendo, para isso, posicionar-se face a cada uma das afirmações, relacionadas com condutas violentas/agressivas, numa escala tipo Likert de 6 pontos (0 – nunca aconteceu a 5 – ocorreu tantas vezes que não consigo quantificar). A pontuação total da LHA é fornecida pelo somatório de três domínios: (a) Agressão - quantificação de ofensas comportamentais agressivas; (b) Agressão Autodirigida - quantificação de eventos agressivos autodirigidos; e, (c) Consequências/Comportamento Antissocial - número de vezes que a pessoa identificou consequências sociais significativas relacionadas com o seu comportamento agressivo ou se envolveu em comportamentos antissociais. A escala em apreço tem ainda uma versão clínica que, apesar de apresentar os mesmos domínios, codifica-os em função das respostas fornecidas pelos participantes a uma entrevista semiestruturada.

Procedimentos

Após tradução paralela por dois peritos em Psicologia Forense, foi realizada uma administração piloto, com recurso ao método da reflexão falada a três pessoas com nível de escolaridade médio ou médio baixo (igual ou inferior a 9 anos), de modo a garantir a compreensão dos itens e proceder à validação facial da versão traduzida. O questionário foi depois retrovertido por um investigador bilingue com experiência em tarefas de adaptação de instrumentos, uma vez que o processo de submissão da tradução dos itens de uma escala a uma verificação por um tradutor independente aumenta significativamente a sua validade e fidelidade (Stanford et al., 2009). Numa fase posterior, a escala retrovertida foi enviada ao autor original que validou a sua concordância semântica com a versão inglesa.

A LHA foi disponibilizada numa plataforma *online* juntamente com outros dois instrumentos de autorrelato, com a indicação de que estes se destinavam a avaliar características comportamentais das pessoas.

Os dados recolhidos foram inseridos e analisados no *software* Statistica, versão 8 (2007, StatSoft, Inc. USA), recorrendo-se a métodos de estatística descritiva para obtenção de medidas de tendência central e dispersão. Foi igualmente analisada a frequência e distribuição das respostas aos itens de modo a despistar a existência e impacto de possíveis valores aberrantes. Na exploração de indicadores da qualidade psicométrica da versão portuguesa da LHA recorreu-se ainda a métodos de base correlacional, incluindo estimativa de coeficientes de alfa, cálculo do índice de fidelidade pelo método de bipartição (par-ímpar) e extração factorial. Os dados foram submetidos a uma análise fatorial confirmatória para analisar o ajuste, validade e replicação na versão portuguesa dos domínios teoricamente propostos por Coccaro e colaboradores (1997). Devido ao ajustamento marginalmente satisfatório encontrado procedeu-se a uma análise fatorial exploratória.

RESULTADOS

a) Análises qualitativas da tradução e retroversão dos itens

Da análise ao processo de reflexão falada resultou que os indivíduos consideraram as instruções claras, assim como o esquema de resposta. O facto de as pessoas poderem ter dificuldade em recordar acontecimentos da juventude, nomeadamente eventuais incidentes que tenham ocorrido na escola, foi apontado como um potencial problema para o preenchimento do questionário. Tal foi justificado porque a pessoa pode até lembrar-se de incidentes, mas não da frequência com que estes ocorreram. Dois dos itens (6a e 6b), referentes ao fator Agressão Autodirigida, foram percecionados como não estando adequados aos restantes, pois no entender dos indivíduos não estavam a medir a agressão (Quadro 1). O instrumento não foi considerado extenso e no entender dos participantes o que estava a ser avaliado era o comportamento, postura social e atitude da pessoa.

Da análise à versão retrovertida, o autor da escala questionou a adoção, no item três, da palavra *confrontos*, ao invés da palavra original *fight*s. Foi-lhe explicado que em Português é pouco frequente o uso do termo lutas verbais, sendo esta expressão melhor entendida como confronto ou discussão.

Quadro 1:

Síntese do processo de tradução de alguns dos itens

Versão original	Tradução Português	Retroversão
3. Get into verbal fights or arguments with other people	3. Envolver-se em confrontos verbais ou discussões com outras pessoas	3. To engage in verbal confrontations or arguments with other people
6a. Deliberately tried to physically hurt yourself in anger or desperation	6a. Tentar magoar-se a si próprio deliberadamente num momento de raiva ou desespero:	6a. To try to hurt yourself deliberately in a moment of anger or despair
6b. Deliberately tried to end your life or kill yourself in anger or desperation	6b. Tentar suicidar-se num momento de raiva ou desespero	6b. To try to commit suicide in a moment of anger or despair

b) Comparação da consistência interna do instrumento original (Coccaro et al., 1997) com a versão portuguesa

Coccaro e colaboradores (1997) reportaram um valor de α de Cronbach para a escala total de .88. Dos três domínios do instrumento original o da Agressão foi o que apresentou um alfa mais elevado de .87, seguindo-se o domínio Consequências/Comportamento Antissocial com um valor satisfatório de alfa (.74) e o domínio Agressão Autodirigida com um alfa de .47.

No que diz respeito aos indicadores de consistência interna e de fidelidade para a versão portuguesa, o valor de α de Cronbach para a escala completa foi de .71 ($N = 663$). A consistência interna, obtida através do índice de Guttman (Rulon), foi de .73. Calculou-se o coeficiente de fidelidade pelo método de bipartição (par-ímpar) tendo-se obtido .59 para este coeficiente.

A exemplo dos dados apresentados pelo estudo original, dos três domínios do instrumento o da Agressão foi o que apresentou um valor de α mais elevado, concretamente de .72, seguindo-se o domínio Consequências/Comportamento Antissocial, com $\alpha = .41$, e o domínio Agressão Autodirigida, com $\alpha = .34$. Analisou-se ainda o possível impacto da exclusão de itens tendo-se concluído que desta prática não resultaria benefício, para o coeficiente α , em nenhum dos três domínios do instrumento.

c) Análise fatorial exploratória (AFE)

Com vista a obter informação sobre as propriedades estruturais da escala foi realizada uma análise fatorial confirmatória. Atendendo a que os índices de ajustamento encontrados são marginalmente satisfatórios ($\chi^2(45) = 154.48, p < .001$; *Steiger-Lind RMSEA* = .05; *Joreskog GFI* = .89; *Joreskog AGFI* = .84; *AIC* = .28) avançou-se para uma AFE na qual resultou uma estrutura em 3 fatores. No Quadro 2 apresentam-se os valores de saturação da versão portuguesa do instrumento segundo o Método de Análise de Componentes Principais (*Principal Component Analysis*) com rotação *varimax* para determinar a estrutura da versão portuguesa da LHA. Constata-se que dessa análise resulta um fator correspondente ao da Agressão proposto por Coccaro e colaboradores (2007), que explica 23.7% da variância, um segundo fator - Consequências/Comportamento Antissocial - que explica 15.3% da variância e um terceiro fator correspondente à Agressão Autodirigida, explicando 17.2% da variância. Tomando como critério um valor de saturação superior a .5 o item 9 não integra o fator Consequências/Comportamento Antissocial, uma vez que o valor de saturação não foi satisfatório (.19). No que respeita ao item 8 optou-se pela sua inclusão, dado que o valor de saturação está próximo de .5.

No Quadro 2 está apresentada a estrutura original da escala e os valores de saturação dos itens da versão portuguesa da LHA segundo uma AFE.

Quadro 2.

Distribuição dos itens por domínio da versão original da LHA e valores de saturação dos itens da LHA segundo uma AFE

Agressão		Agressão Autodirigida		Consequências / Comportamento Antissocial	
Coccaro et al (1997)	Versão Portuguesa (2013)	Coccaro et al (1997)	Versão Portuguesa (2013)	Coccaro et al (1997)	Versão Portuguesa (2013)
1	1 (.69)	-	-	-	-
2	2 (.69)	-	-	-	-
3	3 (.72)	-	-	-	-
4	4 (.65)	-	-	-	-
5	5 (.56)	-	-	-	-
-	-	6a	6a (.77)	-	-
-	-	6b	6b (.64)	-	-
-	-	-	-	7	7 (.75)
-	-	-	-	8	8 (.49)

-	-	-	-	9	-
-	-	-	-	10	10 (.65)

O Quadro 3 representa uma tabela com dados normativos por sexo para três escalões etários (a) 18-30; (b) 31-50; e, (c) 51-70 e valores totais para os três fatores do instrumento.

Quadro 3:

Dados normativos da LHA (médias e desvios-padrão) por sexo em diferentes escalões etários

Idade	Agressão (F/M)	Agressão Autodirigida (F/M)	Comportamento Antissocial/Consequências (F/M)
18-30	1.23 (1.45) / 1.41 (1.45)	0.22 (0.67) / 0.31 (0.80)	0.10 (0.37) / 0.21 (0.60)
31-50	1.30 (1.51) / 1.52 (1.39)	0.20 (0.55) / 0.15 (0.58)	0.08 (0.35) / 0.19 (0.55)
51-70	1.14 (1.25) / 0.95 (1.26)	0.2 (0.68) / 0.14 (0.46)	0.03 (0.16) / 0.34 (0.60)
Total	1.24 (1.45) / 1.42 (1.43)	0.21 (0.64) / 0.26 (0.75)	0.09 (0.36) / 0.21 (0.59)

Nota: F = Feminino; M = Masculino

CONCLUSÕES

Apesar da inexistência de uma definição consensual e das inconsistências na forma de avaliação do comportamento de agressão é pouco questionável a importância do seu estudo em contexto forense. A LHA permite obter informação, numa perspetiva desenvolvimental, da frequência de ocorrência de atos agressivos em diferentes domínios, ajudando a uma caracterização das manifestações comportamentais agressivas da pessoa.

Os resultados das análises quantitativas indicaram que a versão final portuguesa do instrumento é satisfatória. Uma análise confirmatória revelou índices de ajustamento marginalmente satisfatórios. Contudo, existe uma larga convergência entre os domínios propostos pelos autores e os fatores agora encontrados através de uma AFE. As diferenças de valor aqui reportadas podem dever-se ao facto de, ao contrário de Cocarro e colaboradores (1997), no presente estudo a amostra ter sido constituída apenas por participantes comunitários.

No futuro, será igualmente interessante perceber de que modo esta escala se relaciona com outras escalas de agressão. Os resultados preliminares demonstram que a LHA apresenta baixos níveis de validade concorrente com uma escala de autorrelato destinada a avaliar padrões específicos de comportamento agressivo, razão pela qual esses dados não foram reportados no presente trabalho de investigação. Contudo, continuam em curso estudos de validade concorrente.

A introdução deste dispositivo avaliativo no nosso país irá permitir aceder de forma retrospectiva à frequência de atos ocorridos ao longo da vida, melhorando a validade ecológica da informação recolhida, por exemplo, por entrevistas ou análise documental, promovendo uma mais rigorosa e aprofundada caracterização dos indivíduos avaliados em contexto forense. Os dados apresentados sugerem que este instrumento é útil para a caracterização do traço comportamental agressivo ao longo da vida da pessoa.

AGRADECIMENTOS

Este estudo integra uma investigação financiada pela bolsa SFRH/BD/76062/2011 da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Os autores agradecem os preciosos contributos de Pedro Almeida e Fernando Ferreira-Santos, ambos investigadores do Laboratório de Neuropsicofisiologia da Universidade do Porto, na tradução e retroversão do instrumento, respetivamente.

CONTACTO PARA CORRESPONDÊNCIA

Ana Rita Cruz, Laboratório de Neuropsicofisiologia - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Rua Alfredo Allen, 4200-135, Porto - Portugal. anaritacruz@gmail.com

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Coccaro, E. F., Berman, M. E., & Kavoussi, R. J. (1997). *Assessment of life history of Aggression: Development and psychometric characteristics*. *Psychiatry Research*, *73*, 147-157. doi: [http://dx.doi.org/10.1016/S0165-1781\(97\)00119-4](http://dx.doi.org/10.1016/S0165-1781(97)00119-4)
- Cruz, A. R., & Barbosa, F. (não publicada). *Life History of Aggression: Versão portuguesa para investigação*.
- Manita, C. (2012), prefácio em Barbosa, F., Quadros, F., & Ribeiro, L. (2012). *Reincidência criminal: Tópicos de avaliação e intervenção biopsicossocial*. Porto: Livpsic.
- Marques-Teixeira, J. (2000). *Comportamento criminal: Perspectiva biopsicológica*. Linda-a-Velha: Vale & Vale Editores, Lda.
- Parrott, D. J., & Giancola, P. R. (2007). Addressing "The criterion problem" in the assessment of aggressive behavior: Development of a new taxonomic system. *Aggression and Violent Behavior*, *12*, 280-299. doi:10.1016/j.avb.2006.08.002
- Ramírez, J. M., & Andreu, J. M. (2006). Aggression, and some related psychological constructs (Anger, hostility, and impulsivity. Some comments from a research project). *Neuroscience and Biobehavioral Reviews*, *30*, 276-291.
- Stanford, M. S., Mathias, C. W., Dougherty, D. M., Lake, S. L., Anderson, N. E., & Patton, J. H. (2009). *Fifty years of the Barratt Impulsiveness Scale: An update and review*. *Personality and Individual Differences*, *47*, 385-395. doi: 10.1016/j.paid.2009.04.008
- Suris, A., Lind, L., Emmett, G., Borman, P. D., Kashner, M., & Barratt, E. S. (2004). Measure of aggressive behavior: Overview of clinical and research instruments. *Aggression and Violent Behavior*, *9*, 165-227. doi: 10.1016/S1359-1789(03)00012-0